

O Fenômeno da infocomunicação e a Dialógica Moriniana¹

The Phenomenon of Infocommunication and Morinian Dialogic

Jorge Manoel Adão

PPGET - UEG Luziânia da Universidade Estadual de Goiás, Brasil
jorge.adao@ueg.br

Armando Malheiro da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
armando.malheiro@gmail.com

Resumo

Este texto faz uma abordagem sobre o fenômeno da infocomunicação, sua presença e relação com a dialógica da teoria da complexidade de Edgar Morin. Objetiva, em geral, investigar, em nível teórico, o fenômeno da infocomunicação contemporânea à luz da dialógica moriniana, como princípio da teoria da complexidade. Em nível metodológico, trata-se de uma investigação qualitativa teórica. Neste texto, a introdução contextualiza a temática; em “sobre a metodologia” faz-se uma abordagem sobre ciência, método, metodologia, teoria e pesquisa; apresenta um explicatio terminorum sobre a infocomunicação e a dialógica moriniana; e, por fim, apresenta algumas reflexões e considerações sobre a infocomunicação à luz da dialógica moriniana. Em nível geral, constatamos que a infocomunicação presentifica a teoria da complexidade porque, desde o fato de ela ser constituída pela informação e pela comunicação, abarca, constitui-se e apresenta-se como interdisciplinar. E, conseqüentemente, é também dialógica na medida em

Abstract

This text addresses the phenomenon of infocommunication, its presence and relationship with the dialogic aspects of Edgar Morin's complexity theory. Its general objective is to investigate, at a theoretical level, the phenomenon of contemporary infocommunication in light of Morinian dialogic, as a principle of complexity theory. At a methodological level, it is a qualitative theoretical investigation. In this text, the introduction contextualizes the theme; in “about methodology” an approach is made on science, method, methodology, theory and research; it presents an explicatio terminorum on infocommunication and Morinian dialogic; and, finally, it presents some reflections and considerations on infocommunication in light of Morinian dialogic. At a general level, we find that infocommunication presents complexity theory because, since it is constituted by information and communication, it encompasses, constitutes and presents itself as interdisciplinary. And, consequently, it is also dialogic insofar as it contains

¹ O presente artigo é fruto de uma pesquisa de pós-doutoramento, em andamento, com lócus na Faculdade de Letras Universidade do Porto (Portugal), no período de 2004 a 2005, intitulada “Infocomunicação na era digital à luz da dialógica moriniana: abordagem a partir do setor de comunicação institucional da Universidade Estadual de Goiás – UEG”, com a supervisão de Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva.

que contém interações, encontros de ordem, desordem e organização. *interactions, encounters of order, disorder and organization*

Palavras-chave: Comunicação e Informação. **Keywords:** *Communication and Information.* Infocomunicação. Teoria da Complexidade. Dialógica. *Infocommunication. Complexity Theory. Dialogic.*

1. Introdução

O presente artigo aborda a temática do fenômeno da infocomunicação e sua relação com a dialógica moriniana partícipe da teoria da complexidade. De antemão, explicitamos que, aqui, entendemos e utilizamos “fenômeno”² como “[...] objeto específico do conhecimento humano que *aparece* sob condições particulares [...]”, conforme Abbagnano (2007, p. 448); e, como “[...] um processo, uma ação que se desenrola [...]”, conforme Japiassu e Marcondes (2001, p. 75).

Indubitavelmente, vivemos uma revolução, em nível de Informação e Comunicação. Em outras palavras, a informação, seja correta ou não, se encontra à disposição de qualquer usuário. Ou seja, desde meados da década de 1980, estamos acompanhando um crescendo sempre mais rápido das tecnologias em todos os segmentos de nossas vidas individuais, em grupos, em sociedades em todos os níveis. Este contexto de mudanças, como não poderia deixar de ser, afeta também as áreas de informação e comunicação, em nosso caso, em nível de pesquisas acadêmico-científicas. Em outras palavras, em nível de informação e comunicação, vivemos em um contexto mais digital e conectado. Conforme Gouveia e Silva (2020, p. 18), “vivemos num mundo digital, conectado, dependente, complexo e entrópico e que impõe novos e recorrentes desafios”.

Estes mesmo autores, citados acima, em relação ao entendimento de comunicação e informação, afirmam que a comunicação não existe sem a informação. Ou seja, mesmo existindo uma interrelação entre elas, a informação é autônoma e precede a comunicação. Aqui, estes autores enfatizam que “a informação é potencialmente comunicacional, tende a ser partilhada pelos interlocutores ou recetores. Comunicação é partilha plena de sentido, o que significa algo mais que uma função transmissora” (Gouveia e Silva, 2020, p. 28). Assim, para estes autores, a partilha de sentido é importante, mas não é suficiente; pois, “a assimilação de informação transforma-se em nova informação, que traz ou devolve a ‘compreensão correta do sentido transmitido’ (ou não...) e, assim, se processa continuamente a interação dialética entre os comunicantes” (id. ib., p. 28, grifo dos autores).

Presentificando este contexto acima, explicitado brevemente, o presente artigo possui como problema de pesquisa e reflexão: qual a presença e os desafios da dialógica moriniana da teoria da complexidade na infocomunicação? Assim, o objetivo geral da presente abordagem consiste em investigar, em nível

² A palavra “fenômeno”, do grego φαινόμενον (phainomenon), significa “o que aparece”. Para Abbagnano (2007, p. 448), atualmente, a palavra fenômeno possui três significados, que podem ser resumidos da seguinte forma: (1) aparência pura e simples (ou fato puro e simples), considerada ou não como manifestação da realidade ou fato real; (2) objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado pela relação com o homem; (3) e, revelação do objeto em si. Japiassu e Marcondes (2001, p. 75) enfatizam que “desde sua origem grega, o termo ‘fenômeno’ tem um sentido ambíguo, oscilando entre a ideia de ‘aparecer com brilho’ e a ideia de simplesmente ‘parecer’. Assim, o fenômeno é algo de pouco seguro e, em última instância, urna ilusão”

teórico, o fenômeno da infocomunicação contemporânea à luz da dialógica moriniana, como princípio da teoria da complexidade.

Os objetivos específicos são os seguintes: (a) fazer uma abordagem, desde suas etimologias, dos conceitos de informação, comunicação e infocomunicação e de conceitos correlatos; (b) explicitar, desde a trajetória de Edgar Morin, as características gerais da teoria da complexidade; e, em específico, do princípio dialógico; (c) e, arrolar, de formar reflexiva, a presença e os desafios da dialógica moriniana na infocomunicação.

Em relação a origem e histórico, o termo aglutinado “infocomunicação” é utilizado pela primeira vez no livro intitulado “e-Infocomunicação: estratégias e aplicações”, publicado no ano de 2014. Desta obra, neste interim, Gouveia e Silva (2023, p. 55) destacam e citam a seguinte nota do Editor:

As ‘ciências da informação e comunicação’ (CIC), campo interdisciplinar que na França já tem um perfil de vinculação acadêmico institucional e um recorte epistemológico, consolidados, encontram, na presente obra, uma original dotação em contexto luso-brasileiro. e-infocomunicação: estratégias e aplicações é resultado do esforço comum de investigadores do NAP Escola do Futuro – USP/Observatório Digital da Universidade de São Paulo, e do Cetac.Media, da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro. Esta publicação, parceria da Escola do Futuro com o Senac São Paulo, traz a público o conhecimento que vem sendo produzido no Brasil e em Portugal sobre o fenómeno infocomunicacional (grifo dos autores).

Assim, especificamente, Gouveia e Silva (2020 - p. 29) nos exortam para que

Tomemos, pois, a infocomunicação não apenas como um conceito operatório, mas como a expressão funcional de um objeto de estudo que, desde logo, desafia a Ciência da Informação a construí-lo e a explorá-lo enquanto ‘arco processual’ ou ciclo dinâmico, basculando do contextual ao aplicativo e tecnológico, e que, conseqüentemente, agrega construtivamente as Ciências da Informação e da Comunicação, através de três eixos fundamentais: 1º. Gênese/produção do fluxo informacional; 2º. Organização e representação da informação; 3º. ‘Receção’, busca e uso ou comportamento informacional (grifos dos autores).

Gouveia e Silva (2020, p. 16) afirmam que em nossas sociedades contemporâneas [...] o digital assume um papel predominante na informação que é processada, armazenada e comunicada e em que indivíduos e organizações podem produzir e consumir informação de um modo quase instantâneo e a qualquer hora e em qualquer lugar”.

Atualmente, a infocomunicação vem sendo abordada em diferentes áreas, à guisa de exemplo, com a supervisão e/ou coautoria de Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva, citamos os seguintes trabalhos: (a) de Gouveia e Silva (2023), “Método e infocomunicação: introdução à dinâmica quadripolar da pesquisa”; (b) de Braga, Silva e Santos (2019), “A infocomunicação no contexto das cooperativas de base agrícola Cooperreca, Cooperprojirau e Coomade em Rondônia, Brasil”; (c) de Silva e Gouveia (2023) , “Da infocomunicação ou uma abordagem interdisciplinar”; (d) e, de Silva (2024), “A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: proposta de um modelo de orientação colaborativa para e-turismo em Fontoura”.

Como já explicitado, desde o título do presente projeto de investigação, utilizaremos, como categoria de análise, a dialógica da teoria moriniana da complexidade. Edgar Morin nasceu em Paris (França),

em 1921. É formado em História, Geografia e Direito, migrou para a Filosofia, à Sociologia e à Epistemologia, depois de ter participado da Resistência ao Nazismo na França ocupada na II Guerra Mundial. Autor de mais de 70 livros, tornou-se um dos pensadores mais importantes do século XX. Este autor, sendo conhecido, em geral, por sua obra intitulada *O Método*, estuda, explicita e propõe para o conhecimento humano uma perspectiva transdisciplinar. Sobre a obra *O Método*, Santos et al. (2023, p. 4504) afirmam que

A escrita dessa obra é resultado de um processo longo de aprendizado, de idas e vindas às suas ideias mais profundas sobre a vida e a natureza. Um verdadeiro percurso epistemológico, de reflexão, de construção e reconstrução do seu ser. [...] Seu pensamento complexo teve impacto significativo em vários campos, especificamente em educação, filosofia, sociologia, mídia, ecologia, ciência política, antropologia e estudos de sistemas biológicos complexos.

Na teoria da complexidade, o termo “complexo”, do latim *complexus*, significa aquilo que é tecido, entrelaçado em conjunto. As relações complexas são, simultaneamente, complementares, concorrentes e antagônicas. Assim, o desafio está no alcance de um conhecimento complexo, que consiste em poder rejuntar uma informação a seu contexto e ao conjunto ao qual pertence (Morin, 2002a).

Com Dorneles (2004), lembramos que Morin descreve a teoria da complexidade em um conjunto de obras chamadas “*O Método*”, mas que não é um método porque ele não separa a vida do produzir conhecimento. “A complexidade para Morin não é ‘o método’³ no seu sentido clássico, mas a condição ontológica de se fazer pesquisa e de se compreender o mundo. Para ele, a condição ontológica do mundo e da vida é complexidade” (id. ib., 2004).

Na teoria da complexidade, a dialógica constitui-se em um dos princípios fundamentais do pensamento complexo de Edgar Morin (Santos, Santos e Chiquieri, 2009). Isto é, o diálogo, em Morin, transforma-se em um princípio dialógico, que nos permite manter a dualidade no sentido da unidade.

Em Morin (2000, p. 205), o pensamento complexo é um pensamento que se pensa. “[...] É preciso articular os princípios da ordem e da desordem, da separação e da junção, de autonomia e da dependência, que estão em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicas), no seio do universo [...]”.

Enfim, o presente artigo apresenta os seguintes temas: (a) sobre a metodologia; (b) um *explicitatio terminorum* sobre a infocomunicação e a dialógica (princípio dialógico) participe da teoria da complexidade de Edgar Morin; (c) e, algumas reflexões e considerações da infocomunicação à luz da dialógica moriniana.

³ Método: do grego μέθοδος (méthodos). “Este termo possui dois significados fundamentais: 1º qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa; 2º uma técnica particular de pesquisa [...]” (Abbagnano (2007, p. 668). Por sua vez metodologia, também oriunda do grego μέθοδος (méthodos) + λόγος (logos – estudo), “com este termo podem ser designadas quatro coisas diferentes: 1º lógica ou parte da lógica que estuda os métodos; 2º lógica transcendental aplicada; 3º conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências; 4º análise filosófica de tais procedimentos (id. ib., p. 669).

2. Sobre a metodologia

Como já anunciado, em nível metodológico, o presente texto trata-se de uma investigação qualitativa teórica. Conforme Severino (2014), a ciência⁴, como a conhecemos atualmente, surgiu na modernidade e, juntamente com seu apoio em pressupostos filosóficos, ela necessita asilar procedimentos metodológicos e técnicos. Ou seja, “a ciência se faz quando o pesquisador aborda os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos” (id. ib. p. 88).

Conforme este autor, acima citado, para a compreensão do procedimento da ciência, em nível geral, não é suficiente seguir um método e aplicar técnicas.

[...] Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real. [...]. (Severino, 2014, p. 88).

Em outras palavras, este mesmo autor, acima citado, enfatiza que a ciência é realizada quando o investigador aborda fenômenos: aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos.

Para Abbagnano (2007), existem diferentes concepções de ciência, que são diferenciadas de acordo com a garantia de validade que lhes são atribuídas. “[...] Essa garantia pode consistir: 1º demonstração; 2º na descrição; 3 na corrigibilidade” (id. ib., p. 136).

Japiassú e Marcondes (2001), abordando a ciência em geral, enfatizam dois significados. Primeiro, em sentido amplo e clássico “[...] a ciência é um saber metódico e rigoroso, isto é, um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados, e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino” (id. ib., p. 44). No segundo significado, mais atual, a ciência “[...] é a modalidade de saber constituída por um conjunto de aquisições intelectuais que tem por finalidade propor uma explicação racional e objetiva da realidade”.

Moreira (2004, p. 1), ao abordar sobre ciências formal e factual, em geral, enfatiza que “[...] de certa forma, a ciência é um outro mundo, agora artificial, construído sobre o mundo físico e emocional do homem: é uma tentativa de reconstrução do mundo e do homem feita em termos simbólicos e conceituais”.

Quando abordamos os tipos de conhecimento (senso comum ou popular, filosófico, científico e teológico) lembramos que a ciência se diferencia dos demais por utilizar um método que lhe é próprio, o método científico. Aqui, Severino (2014, p. 108) enfatiza que o método científico “[...] trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos [...]”.

⁴ Etimologicamente, a palavra “ciência” é oriunda do grego Επιστήμη (epistheme) – conhecimento - e, conforme Abbagnano (2007, p. 147), em geral “Conhecimento que inclui, em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade”. Assim, o oposto do conhecimento é a δόξα (doxa) – mera opinião – caracterizada pela falta de garantia acerca de sua validade” (id. ib., p. 147).

Sobre a ciência, em geral, Ferrater Mora (2000) afirma que a palavra ciência, do latim *sciencia*, etimologicamente significa “o saber”; porém, ele próprio não recomenda utilizar esta equivalência, enfatizando que existem saberes que não fazem parte da ciência. Assim, realizando uma diferenciação entre ciência e filosofia⁵, ele enfatiza que a ciência, em nível geral: de uma maneira cada vez mais completa e detalhada, evolui e nos informa sobre a realidade; é um conhecimento rigoroso, que se faz por intermédio da observação, experimentação, inferência e dedução; se referindo somente ao fenômeno.

Especificamente, em nível de problema de pesquisa, Severino (2014) enfatiza que o que desencadeia uma indagação científica é a percepção de uma situação problemática que envolve um objeto. Ou seja,

[...] na realidade, ‘fatos brutos’ não existem, propriamente falando; não dizem nada: quando ‘observamos’ fatos, já estamos ‘problematizados’, sentindo alguma dificuldade e já de posse de algum esquema de percepção. Estamos querendo exatamente saber por que tais fatos estão ocorrendo dessa maneira. Por isso, não basta ver, é necessário olhar, e para tanto já é preciso estar problematizado e a presença do problema é de ordem racional, lógica (id. ib., p. 108, grifos do autor).

Sobre modalidades e metodologias de pesquisa científica, Severino (2014) afirma que, em geral, é preferível se falar em abordagem qualitativa, pois a nota “qualitativa” não se refere, necessariamente, a uma metodologia em específico. Nas palavras do próprio autor: “são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (id. ib., p. 125).

Sobre a etimologia, conceito e entendimento de “teoria”, do grego *Θεωρία* (*theoria*), concepção, reflexão, contemplação, olhar para algo. Para Severino (2014, p. 90), teoria é um “conjunto de concepções, sistematicamente organizadas; síntese geral que se propõe a explicar um conjunto de fatos cujos subconjuntos foram explicados pelas leis”.

Para Abbagnano (2007), o termo “teoria” possui quatro significados principais. O primeiro, é como especulação e vida contemplativa - significado que teve na Grécia. O segundo aborda a teoria como uma condição hipotética ideal “na qual tenham pleno cumprimento normas e regras, que na realidade são observadas imperfeita ou parcialmente. Este significado está presente quando se diz: ‘teoricamente, deveria ser assim, mas na prática é outra coisa’” (id. ib., p. 952, grifo do autor). O terceiro significado de teoria a trata como “ciência pura”; ou seja, “que não considera as aplicações da ciência à técnica de produção, ou então as ciências, ou partes de ciências, que consistem na elaboração conceitual ou matemática dos resultados; p. ex., “física teórica”” (id. ib., p. 952, grifo do autor). Enfim, o quarto e último significado aborda a teoria como uma hipótese ou como um conceito científico: aqui

⁵ Literalmente, na diferenciação entre ciência e filosofia, Ferrater Mora (2000, p. 457) afirma que “a ciência progride e nos informa, de modo cada vez mais completo e detalhado, sobre a realidade, enquanto a filosofia não progride, porque é um incessante tecer e destecer de sistemas. A ciência é um modo de conhecer, enquanto a filosofia é um modo de viver. A ciência refere-se ao ser; a filosofia, ao dever ser ou, em geral, ao valor. A ciência é um conhecimento rigoroso; a filosofia, concepção do mundo exprimível igualmente mediante a religião ou arte. Por isso, a ciência está de um lado, enquanto a filosofia (com a religião e a arte) está de outro (às vezes considerado oposto). A ciência, conhecimento limitado; a filosofia, conhecimento ilimitado. A ciência opera mediante observação, experimentação, inferência e dedução, enquanto a filosofia opera mediante intuição. Como consequência disso, a ciência refere-se somente ao fenomênico, enquanto a filosofia atinge o numênico etc.”

este autor declara que se debruça mais neste entendimento; pois, a questão da teoria científica “constitui um dos capítulos mais importantes da metodologia das ciências” (id. ib., p. 952).

Sobre a pesquisa, sinônimo de investigação, conforme Severino (2014), possui uma tríplice dimensão, como processo de construção do conhecimento, que são as seguintes:

[...] uma dimensão propriamente epistêmica, uma vez que se trata de uma forma de conhecer o real; uma dimensão pedagógica, pois é por intermédio de sua prática que ensinamos e aprendemos significativamente; uma dimensão social, na medida em que são seus resultados que viabilizam uma intervenção eficaz na sociedade através da atividade de extensão (id. ib., p. 24).

Em outras palavras, estas três dimensões – epistêmica, pedagógica e social – dizem, respectivamente, de uma forma de conhecer, de sua relação com o processo de ensino e aprendizagem e da perspectiva da extensão. A perspectiva da extensão da dimensão social explicita que “o conhecimento só se legitima se for mediação da intencionalidade da existência histórico-social dos homens”.

Para Rampazzo (2015, p. 49), “a pesquisa é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que permite descobrir novos fatos ou dados, soluções ou leis, em qualquer área do conhecimento” (grifos do autor). Assim, a pesquisa, por intermédio do método científico, tem três elementos que a caracterizam, que são os seguintes: “(a) o levantamento de algum problema; (b) a solução a qual se chega; (c) e, os meios escolhidos para chegar a essa solução, a saber, os instrumentos científicos e os procedimentos adequados” (id. ib., p. 49).

Assim, podemos perceber que diversos autores, que escrevem o conceito de pesquisa/investigação, possuem simetria. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 154), “a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Para Gil (2002, p. 17), a pesquisa pode ser conceituada “como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”; e seu desenvolvimento se dá pelos conhecimentos disponíveis, com a utilização de métodos, técnicas e procedimentos científicos.

Enfim, sobre a pesquisa ou investigação qualitativa, Demo (2000, p. 20)⁶ explicita que a pesquisa teórica é “[...] a que é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos e, em termos mediatos, aprimorar práticas [...]”.

3. Sobre a infocomunicação e a dialógica moriniana: *explicatio terminorum*

No presente subitem, em nível de fundamentação teórica, apresentamos um *explicatio terminorum*⁷, que, aqui, significa, desde o nível etimológico, uma abordagem dos principais conceitos, entendimentos e reflexões dos temas partícipes deste projeto de investigação. Temas estes que são os seguintes: informação e comunicação, infocomunicação, Edgar Morin, teoria da complexidade e a

⁶ Pedro Demo (2000), em seu livro, intitulado “Metodologia do conhecimento científico”, afirma que, para fins de sistematização, é possível diferenciar quatro tipos de pesquisa, que são os seguintes: pesquisa teórica; pesquisa metodológica; pesquisa empírica; e, pesquisa prática.

⁷ A expressão “*explicatio terminorum*”, do latim, significa, literalmente, explicação dos termos.

dialógica ou princípio dialógico, anel ou circuito tetralógico e a questão da dialética frente a dialógica moriniana.

Etimologicamente, a palavra “informação”, do latim *informatio, informationis*, significa delinear, conceber ideia, moldar na mente. Abbagnano (2007), em seu dicionário de filosofia, sobre informação, remete diretamente ao verbete “cibernética”⁸, que literalmente significa arte do piloto. Ou seja, para este autor, a teoria da informação é parte constituinte da cibernética; pois, “na cibernética também podem ser distinguidos os seguintes aspectos: 1º esquema geral da informação; 2º medida da quantidade de informações; 3º condições que possibilitam a informação; 4º objetivos da informação” (id. ib., p. 133). Para o InFocom (2020, p. 14), a informação é elaborada a partir de dados, que “pode ser entendida como um conceito representativo de algo que possui significado para alguém”.

Conforme Ferrater Mora (2001, p. 1516), Raymond Ruyer destaca quatro sentidos em que o termo “informação” é utilizado, que são os seguintes:

[...] 1na física ele é usado como uma néguentropie, por contraposição a entropia (estrutura específica de um domínio); 2 também na física é usado para designar a estrutura específica circulante (de uma mensagem); 3 na psicologia é usado como a forma que se percebe a si mesma de um campo chamado ‘consciente’; 4 também na psicologia é usado como equivalente a ‘mensagem’, como possuidor de um sentido ou significado (grifos do autor).

Morin (2003), refletindo sobre o fato de estarmos em sociedades de informação, de comunicação e de conhecimento, enfatiza que informação não é conhecimento; porque o conhecimento é o resultado da organização da informação.

O termo “comunicação”, oriundo do latim *communicare*, significa dividir alguma coisa com alguém. Conforme Abbagnano (2007, p. 161), filósofos e sociólogos utilizam este termo

para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão. Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de ‘coexistência’ ou de ‘vida com os outros’ e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, contanto que se trate de modos ‘humanos’ (grifos do autor).

Assim, este autor especifica que “os homens formam uma comunidade porque se comunicam, isto é, porque podem participar reciprocamente dos seus modos de ser, que assim adquirem novos e imprevisíveis significados”.

Para Ferrater Mora (2000, p. 515), a questão da comunicação – tratada pela psicologia, pela antropologia filosófica, pela filosofia da linguagem e pela semiótica -, possui, fundamentalmente, dois aspectos, que são o linguístico e o existencial. A comunicação linguística “é transmissão de informação, num sentido muito amplo de informação. É uma comunicação do tipo simbólico ou, melhor dizendo, semiótico” (id. ib., p. 515). Os existencialistas – comunicação existencialista -, “afirmam que toda comunicação linguística e simbólica tem lugar dentro de um contexto existencial, dentro de uma atitude, de uma situação” (id. ib., p. 515).

⁸ A cibernética, oriunda do inglês *cybernetics*, “é entendida hoje como o estudo de ‘todas as máquinas possíveis’, independentemente do fato de que algumas delas tenham ou não sido produzidas pelo homem ou pela natureza [...] (Abbagnano, 2007, p. 133, grifo do autor).

Já Passarelli et al. (2014) enfatizam que o desafio da comunicação consiste em esta possuir uma dimensão dialógica, “pois a sua essência reside na relação; quando se aborda a questão da comunicação, trata-se da questão da alteridade e, portanto, a comunicação é, simultaneamente, um processo político” (id. ib., p. 103). Assim, para estes autores, “comunicar é um exercício de cooperação, de negociação, de construção conjunta de sentido, que pressupõe o respeito pelo interlocutor” (id. ib., p. 103).

Maricato e Reis (2017), abordando e refletindo sobre as relações interdisciplinares entre a ciência da Informação e a ciência da comunicação, afirmam que é evidente que estas áreas são fortemente interdisciplinares. Pois, a interdisciplinaridade faz uma rompe com o paradigma da modernidade e “apresenta-se como possibilidade de trabalhar o conhecimento para soluções de problemas complexos da contemporaneidade” (id. ib., p. 129).

Como já explícito, presente no próprio termo, a “infocomunicação” constitui-se de informação e comunicação. Aqui, Lopes (2022) destaca que, separadamente, as ciências da informação e da comunicação não tinham a capacidade de abordar, englobar todos os fenômenos emergentes, contemporâneos em níveis de comunicação e informações da sociedade. Assim, para esta autora,

[...] a Infocomunicação pode ser compreendida como a união de dois campos de pesquisas ligados de modo interdisciplinar e transdisciplinar com um objetivo em comum: compreender de forma mais complexa os fenômenos que abrangem as novas formas de comunicação e informação da sociedade atual [...] (id. ib., p. 6).

Especificamente sobre o contexto da Infocomunicação, conforme Gouveia e Silva (2020), vivemos em uma realidade em que o analógico foi transformado pelo digital, em um contexto multiverso; e, em um ecossistema digital, “[...] que torna o mundo cada vez mais digitalizado e se relaciona com este por múltiplas formas, criando novos relacionamentos e transformando modos mais tradicionais de processar, organizar e comunicar informação (id. ib., p. 18).

Conforme Lopes (2022, p. 5), o surgimento da Infocomunicação, como uma linha específica de pesquisa e como campo interdisciplinar, se dá neste contexto de necessidade de compreensão de mudanças sociais. Especificamente,

As iniciativas para o surgimento dessa nova linha de pesquisa e campo epistemológico transdisciplinar partiu de instituições provenientes de Portugal e Brasil (mais precisamente na Universidade do Porto, Universidade de Aveiro e na Universidade de São Paulo-USP), em um esforço conjunto de compreender as atuais interações sociais mediadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (id, ib., p. 6).

Conforme Araújo, Paula e Silva Neto (2022, p. 3), o processo informacional é

[...] um processo cognitivo (portanto, de ordem mental) resultante da agência íntima e subjetiva de um observador sobre seu objeto de conhecimento. [...] Assim, a essência do processo informacional seria, também, de natureza individual e resultante de um processo interno de interação com uma materialidade externa a si (seja essa ‘materialidade’ concreta ou virtual). Nesse processo, cabe destacar os objetos da cultura, que podem ser considerados como expressões cristalizadas em um processo externo de ordem material perceptível (sejam verbais

ou corporais; registros impressos, digitais, pictóricos; entidades do mundo fenomênico; ou percepções advindas dos sentidos) (grifo dos autores).

Já Gouveia e Silva (2023, p. 50) explicitam que

Num processo infocomunicacional pleno, se é verdade que o receptor interpreta a seu modo e/ou altera a mensagem, não há dúvida que o grande desafio desse processo é que se atinja efetiva uma partilha de sentido (comunio, isto é comunhão), através de uma interpretação o mais próxima possível do que o interlocutor (ou o Autor de um texto) quis significar (grifo dos autores).

Especificamente, sobre a Ciência da Informação, Queiroz e Moura (2015) afirmam que esta não é tão recente quanto possa parecer. Pois, em meados do século XVI, como a advento da ciência moderna, desencadeia-se os encontros de sociedades científicas, “[...] que os cientistas comunicavam, através de cartas, seus estudos e descobertas, como forma de assegurar também o direito autoral de suas experiências]” (id. ib., p. 27).

Ainda em nível histórico, Paul Otlet⁹, considerado o pai da ciência da Informação, foi um dos fundadores da documentação. Este autor, em sua obra *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*, publicada em 1943, define o objeto de estudo da documentação. Paul Otlet, nesta obra, também “[...] propõe metodologias e técnicas para estudá-lo, sinalizando também para a necessidade de criar algumas interdisciplinas, constituídas pelas interfaces com a sociologia, psicologia, lógica, lingüística, estatística, entre outras” (Santos, 2007, p. 10).

Formalmente, a Ciência da Informação surge no Estados Unidos da América do Norte, entre os anos de 1962 e 1963, como consequência de estudos de problemas e questões relacionados a recuperação da informação. Assim, conforme Queiroz e Moura (2015, p. 30),

[...] o princípio da Ciência da Informação está ligado à ideia de recuperação da informação, diante da imensa quantidade e variedade de informações surgidas a partir da década de quarenta. Aqui entrando questões ligadas à Biblioteconomia, à Informática, à Psicologia, à Comunicação, entre outras disciplinas, para ajudar a entender como acontece essa recuperação.

Em nível geral, enfatizamos que, juntamente com Queiroz e Moura (2015, p. 38),

[...] a Ciência da Informação não apenas atua na pesquisa das características da informação e de seu próprio processamento, mas também investiga as propriedades da informação, sua história e suas teorias. Ela é ciência enquanto processo investigativo, mas também possui reconhecido caráter interdisciplinar, o que se percebe claramente pela sua evolução histórica.

Para Gouveia e Silva (2020, p. 20), em relação a Ciência da Informação,

Não são as normas, as técnicas, nem sequer as tecnologias ou ferramentas empregues no processamento e na recuperação da informação que definem a Ciência da Informação, mas o conhecimento amplo e contextual do modo como as pessoas necessitam e buscam a informação,

⁹ Paul Marie Gislain Otlet (1868 — Bruxelas - 1944) foi autor, empresário, visionário, advogado e ativista da paz belga. Conforme Santos (2007, p. 10), “na raiz do pensamento de Otlet está a crença de que a universalização do acesso ao conhecimento seria o caminho para a paz mundial. Esses aspectos são indissociáveis da proposta de criação do campo da documentologia ou bibliologia”.

todavia também, como geram, como coletam, como organizam, como armazenam, como transmitem e como transformam a informação.

A infocomunicação, como partícipe da Ciência da Informação, em nível de entendimento conceitual, conforme Araújo, Paula e Silva Neto (2022), trata-se de um processo de intercâmbio com várias causas. Ou seja, que se constitui de informação e comunicação:

[...] (1) no aspecto informacional, se sustenta na noção de que a informação é (A) derivada da apreensão cognitiva (a partir da reunião de representações e experienciais/percepções sobre os objetos) que os indivíduos fazem de protoinformações; e (B) é, simultaneamente, fixada na mente desses indivíduos – entendidos como mecanismos replicadores de ideias passíveis de se reproduzirem e se modificam através de seleção, associações, variações e acumulação de variantes que seguem o modelo evolutivo darwiniano (advinda da memética) quando das interações com novos ‘hospedeiros’ – e que, (2) no aspecto comunicacional, é sustentada por relações estabelecidas entre indivíduos que comunicam, não somente uma determinada quantidade de informações, mas também intercambiam significações (id. ib., p. 9-10, grifo dos autores).

Presentificando o que já está anunciado na introdução do presente texto, a respeito da teoria da complexidade, em nível geral, são três princípios que nos ajudam a pensar a complexidade (o dialógico, o recursivo e o hologramático). E, ao mesmo tempo, estes três princípios são os princípios da religação dos saberes; religação esta que envolve um problema de reaprendizagem do pensamento.

No princípio dialógico há duas lógicas: “[...] estes dois princípios (duas lógicas) não são simplesmente justapostos, eles são necessários um ao outro [...]” (Morin, 2005, p. 73). Enfatizando que o princípio dialógico é o fulcro da presente investigação; no princípio recursivo ou da recursão organizacional há um ciclo autoconstrutivo, auto-organizador e autoconstrutor.

O princípio ou circuito recursivo - afirmando que os produtos e efeitos gerados por um processo são, ao mesmo tempo, co-causadores desse processo - revela um circuito onde os efeitos retroagem sobre as os próprios produtos produtores do que os produz. Este princípio recursivo ou autoprodutivo causas, sendo rompe com a causalidade linear. “[...] Este circuito implica num processo no qual efeitos e produtos são necessários à sua produção e à sua própria causação” (Almeida e Carvalho, 2013, p. 67).

O princípio hologramático reconhece que a parte está no todo e o todo está na parte. Temos, como exemplo, o fato de que a totalidade de nosso patrimônio genético estar contida no interior de cada célula do corpo (Almeida e Carvalho, 2013). “Um holograma é uma imagem em que cada ponto contém a quase totalidade da informação sobre o objeto representado [...]” (Morin, 2002b, p. 302). Percebemos também este princípio presente na sociedade. Pois, a sociedade, entendida como um todo, “[...] também se encontra em nosso próprio interior, porque somos portadores de sua linguagem e de sua cultura” (Almeida e carvalho, 2013, p. 69).

Conforme Menezes e Lago (2015, p. 475), na complexidade, a ligação fundamental deve ser de natureza dialógica, o que implica uma unidade simbiótica de duas lógicas, que simultaneamente alimentam uma à outra, se opõe e se combatem mutuamente. Em outras palavras,

O diálogo (διάλογος), elaboração dos gregos antigos, na acepção de Morin, transforma-se em um princípio teórico: o princípio dialógico. Um princípio que possibilita a articulação de ideias que à primeira vista, são antagônicas, mas, ao mesmo tempo, complementares e possibilita relação de diferentes saberes, construindo relações das partes com o todo, em busca de uma compreensão significativa (Santos, Santos e Chiquieri, 2009, p. 02, grifos dos autores).

A dialógica, em Morin, manifesta-se, realiza-se no anel tetralógico (ordem – desordem - interações/encontros - organização). Isto é, este autor se utiliza do anel tetralógico para explicar (na relação dialógica) a relação recursiva, complementar, concorrente e antagônica. Assim, quando duas lógicas se encontram elas geram, são, simultaneamente, relações (de): recursividade (circuito de alimentação recíproca); complementaridade (sociedades, associações, mutualismos); concorrência (competições e rivalidades); e, de antagonismo (parasitismo, depredações).

No anel ou circuito tetralógico, ordem, desordem e organização se estruturam e são inconcebíveis sem interações. Ou seja,

[...] O circuito tetralógico significa também que quanto mais a organização e a ordem se desenvolvem, mais elas tornam-se complexas, mais elas toleram, utilizam e até necessitam da desordem. [...] Esses termos ordem/organização/desordem e, sem dúvida, interação se desenvolvem mutuamente uns nos outros. O circuito tetralógico significa então que não se saberá isolar ou hipostasiar algum desses termos. Cada um adquire sentido na sua relação com os outros. E preciso concebê-los juntos, ou seja, como termos ao mesmo tempo complementares, concorrentes e antagônicos (Morin, 2002a, p. 78-79, grifos do autor).

Na teoria da complexidade, o princípio dialógico diferencia-se da dialética hegeliana; “[...] pois, em Hegel, as contradições encontram uma solução e suprimem-se numa unidade superior. Na dialógica, os antagonismos persistem e são constitutivos das entidades ou dos fenômenos complexos” (Morin (2002b, p. 300). Ou seja, este princípio moriniano une duas ou mais lógicas que se nutrem e se complementam, também ao se oporem, se contradizerem e se combaterem - constitui-se em uma condição sine qua non para a existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado.

Ainda a respeito da dialética hegeliana e da dialógica moriniana, Santos et al. (2023) fazem uma abordagem intitulada “A transição da dialética para a dialógica, na trajetória de vida de Edgar Morin”. Estes autores possuem como objetivo central “apresentar um itinerário do percurso de vida e das ideias de Edgar Morin, sua transição entre dialética e dialógica e sua abordagem sobre o pensamento complexo, a fragmentação dos saberes e a transdisciplinaridade, a partir da dimensão da educação” (id. ib., p. 4508). Em poucas palavras, estes autores enfatizam que a dialética hegeliana presume momentos de superação definitivos, onde o encontro dos contrários redundaria em uma síntese finalmente superadora. “Morin não vê esta possibilidade de sínteses definitivas e sim a dura realidade da convivência dos contrários como que a sustentar o movimento da vida, o movimento da história e o movimento do pensamento” (id. ib., p. 4510).

4. Infocomunicação à luz da dialógica moriniana: algumas reflexões e considerações

Aqui, neste subitem, à guisa de considerações finais, fazemos algumas reflexões, aproximações da dialógica – princípio dialógico – da teoria da complexidade de Edgar Morin com a infocomunicação – informação e comunicação.

Desde o conceito e entendimento (*explicatio terminorum*) de informação e comunicação, ao se afirmar que uma não existe sem a outra (Gouveia e Silva, 2020), explicitamos que as mesmas implicam, possuem uma relação dialógica. Em outras palavras, em um primeiro momento, cada uma delas – informação e comunicação -, possuem em seus fulcros complexidade.

Conforme o InFocom (2020, p. 14, a informação é elaborada a partir de dados, “pode ser entendida como um conceito representativo de algo que possui significado para alguém. Assim, entendemos que a complexidade está presente desde os dados até no significado que possa ter, dependendo das pessoas e situações enquanto lócus diferentes; bem como a complexidade está presente na própria transmissão dos dados. Aqui, Ferrater Mora (2001, p. 1516) nos lembra que uma informação “que não ofereça indeterminação não é, propriamente falando, informação”. Morin (2003, p. 12) explicita que “a comunicação ocorre em situações concretas, acionando ruídos, culturas, bagagens diferentes e cruzando indivíduos diferentes. Ela é sempre multidimensional e complexa”.

Em termos de comunicação, desde o entendimento de Passarelli et al (2014, p. 103), por exemplo, de que “comunicar é um exercício de cooperação, negociação, que se pressupõe o respeito pelo interlocutor”; afirmamos que esta possui em sua gênese uma relação complexa, ao ter vários elementos entrelaçados em conjunto. Ou seja, para que o processo de comunicação aconteça é necessário que todos os elementos – emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente - estejam entrelaçados em conjunto.

Em um segundo momento, ao se explicitar a existência de uma interdisciplinaridade, na informação e na comunicação estamos, necessariamente, nos referindo também a relações complexas. Maricato e Reis (2017) enfatizam que, desde a literatura, a concepção de informação e comunicação, enquanto ciências, manifesta-se interdisciplinar.

Em nível de infocomunicação, como enfatiza Lopes (2022), esta resulta da união de dois campos de pesquisa de maneira inter e transdisciplinar com um objetivo comum. Objetivo este que consiste em “compreender, de forma mais complexa, os fenômenos que abrangem as novas formas de comunicação da sociedade atual” (id. ib., p. 6).

Assim como há complexidade no seio da informação e da comunicação também existe dialogicidade quando as duas se encontram na infocomunicação. A dialógica moriniana ocorre e corporifica-se no anel ou circuito tetralógico, constituído de ordem, desordem, encontros (interações) e organização. Como já explicitado, esse anel tetralógico é o que explica, na dialógica, as relações recusiva, complementar e antagônica.

Em outras palavras, na infocomunicação há a presença do princípio dialógico e, ao mesmo tempo, relações de recursividade e hologramáticas entre informação e comunicação. As relações dialógicas

estão no fato de que entre comunicação informação e comunicação, desde seus elementos constituintes, há sempre interações entre ordem, desordem e organização.

As relações recursivas se fazem presentes, por exemplo, quando se constata que as pessoas porque se comunicam, vivem em comunidade. Em outras palavras, o princípio recursivo, rompendo com a causalidade linear, constata que nós mesmos, em nível de reprodução, por exemplo, somos produtos e produtores desta comunidade, que é gerada e se mantém pela infocomunicação.

No princípio hologramático, a ideia de holograma ultrapassa o reducionismo (que só vê as partes) e do holismo (que só vê o todo). Ou seja, o todo está na parte que está no todo (Morin, 2005). Assim, na infocomunicação (o todo) temos presentes todos os elementos constituintes da informação e da comunicação (partes), tendo presente que a infocomunicação não consegue abarcar todas as particularidades da informação e da comunicação e todos os elementos constituintes da informação e da comunicação não se subsumem na infocomunicação.

Enfim, em nível geral, constatamos que a infocomunicação presentifica a teoria da complexidade porque, desde o fato de ela ser constituída pela informação e pela comunicação, abarca, constitui-se e apresenta-se como interdisciplinar. E, conseqüentemente, é também dialógica na medida em que contém interações, encontros de ordem, desordem e organização.

5. Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. (2007). Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes.

ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgard de Assis (Org.) (2013). Edgar Morin. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. São Paulo: Cortez.

ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; SILVA NETO, Ricardo da Silva Neto. (2022). Infocomunicação e protoinformação: ensaios conceituais e definições (Resumo Expandido).In. *XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB Porto Alegre*.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. (1994). Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto.

BRASIL. Ministério da Educação. (2023). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da educação superior 2022: notas estatísticas. Brasília: MEC/Inep.

CORAIOLA, Diego M.; SANDER, Josué Alexandre; MACCALI, Nicole; BULGACOV, Sergio. (2014) Estudo de caso. Para submissão ao livro Pesquisa Qualitativa em Administração: Fundamentos, Métodos e Usos no Brasil. Capítulo 12. Universidade Federal do Paraná. Fundação Getúlio Vargas.

DEMO, Pedro. (2000). Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas.

FERRATER MORA, José. (2000). Dicionário de filosofia. São Paulo: Loyola.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2004). Educação. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: 10 fev. 2024.
- GOUVEIA, Luis Borges; SILVA, Armando Malheiro da. (2020). A infocomunicação ou a convergência das ciências da informação e da comunicação para um objeto comum. *Páginas a&b*. S.3, nº especial (2020) 15-33.
- GOUVEIA, Luis Borges; SILVA, Armando Malheiro da. (2023). Método e infocomunicação: introdução à dinâmica quadripolar da pesquisa. Belo Horizonte: Conhecimento.
- InFocom. Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competências InfoComunicacionais. (2020). Glossário de conceitos infocomunicacionais. Porto Alegre: InFocom.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. (2001). Dicionário básico de filosofia. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- LIMA, Paulo Gomes (2023). Fundamentação epistemológica do paradigma da complexidade e a dialógica com a formação de professores.
- LOPES, Flávia. (2022). Pós-verdade: uma crítica a partir da perspectiva da infocomunicação. *Austral Comunicación*, Volumen XI, número 2 - Diciembre de 2022, 21 p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. (2003). Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- MARICATO, João de Melo; REIS, Filipe. (2017). Relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação: uma análise a partir de citações, formação das bancas e palavras-chave das teses das áreas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.22, n.1, p.112-132, jan./mar. 2017.
- MENEZES, Nilton César Rodrigues; LAGO, Clenio. (2015). Diálogo entre pensamento complexo e hermenêutica filosófica. *Revista Contrapontos*, Itajaí, v. 15, n. 3, p. 469-488, set-dez 2015.
- MOREIRA, Daniel Augusto. (2004). O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Thomson Pioneira.
- MORIN, Edgar. (2003). A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 20 (abril 2003) – quadrimestral, p. 6-12.
- MORIN, Edgar. (1999). Ciência com consciência. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar. (2005). Introdução ao pensamento complexo. 5. ed. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, Edgar. LE MOIGNE, Jean-Louis.(2000). A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis.
- MORIN, Edgar. O método 1. (2002a). A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, Edgar. O método 5. (2002b). A humanidade da humanidade: a identidade humana. Porto Alegre: Sulina.
- PASSARELLI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Org.) (2014). e-Infocomunicação: estratégias e aplicações. São Paulo: Senac/Escola do Futuro-USP.

- PASSARELLI, Brasilina; RIBEIRO, Fernanda; OLIVEIRA, Lidia; MEALHA, Oscar.(2014). Identidade conceitual e cruzamentos disciplinares. In: PASSARELLI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Org.). In. *e-Infocomunicação: estratégias e aplicações*. São Paulo: Senac/Escola do Futuro-USP. P. 79-121.
- PETRAGLIA, Isabel Cristina. (2000). Complexidade e auto-ética. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 09–18. DOI: 10.5585/eccos.v2i1.183. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/183>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- PEIXOTO, Joana. (2012). Aula inaugural do Mestrado em Educação, Tecnologias e Linguagens. Anápolis: UEG.
- QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. (2015). Ciência da Informação: história, conceitos e características. *Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 25-42, ago/dez.
- RAMPAZZO, Lino. (2015). Metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Loyola.
- RODRIGUES, Horácio Wanderlei; GRUBBA, Leiliane (2012). A epistemologia da complexidade: para uma pesquisa científica do direto.
- SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos.; CHIQUIERI, Ana Maria Crepaldi (2009). A dialógica de Edgar Morin e o Terceiro Incluído de Basarba Nicolescu: uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo. In: *III EDIPE Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, Anais de Evento*, 2009. P. 01-26.
- SANTOS, Ademar Alves dos; ROZENDO, Jefferson Florencio; HANSEL, Tiago Fernando; SOARES, Luciano Gomes; PLACIDO, Reginaldo Leandro; PLACIDO, Ivonete Telles Medeiros; MONTEIRO, Rhadson Rezende; COELHO, Helbert Vinicius; SILVA, José Antonio da; NASCIMENTO, Isidro José Bezzerra Maciel Fortaleza do; JORKE, Gabriel Antonio Ogaya; ALMEIDA, Darlon Alves de. (2023). A transição da dialética para a dialógica, na trajetória de vida e pensamento de Edgar Morin. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v.15, n.5, p. 4501-4519.
- SANTOS, Paola. (2007). Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago.
- SEMESP. (2024). Mapa do ensino superior 2023. 13. ed. São Paulo: SEMESP.
- SEVERINO, Antônio Joaquim(2014). Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. Comunicação setorial. (2024). Disponível em: ["https://www.ueg.br/referencia/12673"](https://www.ueg.br/referencia/12673). Acesso em: 11 jul. 2024.
- YIN, Robert. K. (2005). Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman.